

Diretor da Cargill diz que efeitos serão desastrosos

por Claudia Fachini De Cesare
de São Paulo

O aumento de 5% da alíquota dos impostos e contribuições federais proposto pelo ministro Fernando Henrique Cardoso poderá ser "desastroso" para as indústrias, avalia o diretor da Cargill, Luciano Costa. "Quanto mais aumentam os impostos, mais cresce a sonegação, tirando a competitividade das empresas que pagam tributos", afirma, acrescentando que a carga tributária já representa 45% dos custos das indústrias.

Em contrapartida, os cortes orçamentários propostos dão credibilidade ao governo e ao futuro plano de controle inflacionário, acredita Costa. Essa opinião é compartilhada pelo diretor de crédito rural da Federação Brasileira de Associações de Bancos (Febraban), Franklyn Thame.

"O impacto negativo do aumento dos impostos pode vir a ser equilibrado mais

tarde com a contenção da inflação", avalia Thame, para quem a medida é um "mal necessário". "Com a queda da inflação, aumenta conseqüentemente o volume de depósitos a vista, o que representará maior exigibilidade dos bancos para a aplicação em crédito rural", explica.

A proposta de aumento dos impostos também não foi bem recebida pelo diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas (Abiec), Milton Dallari. "No final do processo, haverá um repasse aos preços", declarou ao repórter Maurício Sposito. Para ele, as exportações deveriam ficar isentas, pois já contam com uma alíquota de ICMS (5,2% em São Paulo para as carnes). Considerando todos os impostos e tributos federais, as taxas e descontos representavam aproximadamente 28% do preço final das mercadorias, finalizou Dallari.